

A SELECTION OF SHAKESPEARE'S SONNETS: DIFFERENT TRANSLATIONS

Sonnet I From fairest creatures we desire increase, That thereby beauty's rose might never die, But as the ripper should by time decease, His tender heir might bear his memory: But thou contracted to thine own bright eyes, Feed'st thy light's flame with self-substantial fuel, Making a famine where abundance lies, Thy self thy foe, to thy sweet self too cruel: Thou that art now the world's fresh ornament, And only herald to the gaudy spring, Within thine own bud buriest thy content, And tender churl mak'st waste in niggarding: Pity the world, or else this glutton be, To eat the world's due, by the grave and thee.	Soneto I Dos raros, desejamos descendência, Que assim não finde a rosa da beleza, E morto o mais maduro, sua essência Fique no herdeiro, por inteiro acesa. Mas tu, que só ao teu olhar te alias, Em flama própria ao fogo te consomes Criando a fome onde fartura havia, Rival perverso de teu próprio nome. Tu que és do mundo o mais fino ornamento E a primavera vens anunciar, Enterras em botão teus suprimentos: – Doce avareza, estróina em se poupar. Doa-te ao mundo ou come com fartura O que lhe debes, tu e a sepultura – William Shakespeare. Sonetos. [tradução de Jorge Wanderley]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
--	---

Sonnet 12

When I do count the clock that tells the time,
And see the brave day sunk in hideous night;
When I behold the violet past prime,
And sable curls, all silvered o'er with white;
When lofty trees I see barren of leaves,
Which erst from heat did canopy the herd,
And summer's green all girded up in sheaves,
Borne on the bier with white and bristly beard,
Then of thy beauty do I question make,
That thou among the wastes of time must go,
Since sweets and beauties do themselves forsake
And die as fast as they see others grow;
And nothing 'gainst Time's scythe can make
[defence
Save breed, to brave him when he takes thee
[hence.

Soneto 12

Quando a hora dobra em triste e tardo toque
E em noite horrenda vejo escoar-se o dia,
Quando vejo esvair-se a violeta, ou que
A prata a preta tẽmpora assedia;
Quando vejo sem folha o tronco antigo
Que ao rebanho estendia sombra franca
E em feixe atado agora o verde trigo
Seguir o carro, a barba hirsuta e branca;
Sobre tua beleza entãõ questiono
Que há de sofrer do Tempo a dura prova,
Pois as graças do mundo em abandono
Morrem ao ver nascendo a graça nova.
Contra a foice do Tempo é vão combate,
Salvo a prole, que o enfrenta se te abate.

– William Shakespeare: 42 Sonetos. [tradução e apresentação de Ivo Barroso]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Sonnet 15 When I consider every thing that grows Holds in perfection but a little moment. That this huge stage presenteth nought but shows Whereon the stars in secret influence comment. When I perceive that men as plants increase, Cheered and checked even by the self-same sky: Vaunt in their youthful sap, at height decrease, And wear their brave state out of memory. Then the conceit of this inconstant stay, Sets you most rich in youth before my sight, Where wasteful time debateth with decay To change your day of youth to sullied night, And all in war with Time for love of you, As he takes from you, I engraft you new.	Soneto 15 Quando penso que tudo o quanto cresce Só prende a perfeição por um momento, Que neste palco é sombra o que aparece Velado pelo olhar do firmamento; Que os homens, como as plantas que germinam, Do céu têm o que os freie e o que os ajude; Crescem pujantes e, depois, declinam, Lembrando apenas sua plenitude. Então a idéia dessa instável sina Mais rica ainda te faz ao meu olhar; Vendo o tempo, em debate com a ruína, Teu jovem dia em noite transmutar. Por teu amor com o tempo, então, guerreio, E o que ele toma, a ti eu presenteio. – Shakespeare, em “Poemas de amor de William Shakespeare”. [tradução Barbara Heliodora]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
--	---

Sonnet 23

As an unperfect actor on the stage,
Who with his fear is put beside his part,
Or some fierce thing replete with too much rage,
Whose strength's abundance weakens his own heart;
So I for fear of trust, forget to say,
The perfect ceremony of love's rite,
And in mine own love's strength seem to decay,
O'ercharged with burthen of mine own love's might:
O let my looks be then the eloquence,
And dumb presagers of my speaking breast,
Who plead for love, and look for recompense,
More than that tongue that more hath more expressed.
O learn to read what silent love hath writ,
To hear with eyes belongs to love's fine wit.

Soneto 23

Como no palco o ator que é imperfeito
Faz mal o seu papel só por temor,
Ou quem, por ter repleto de ódio o peito
Vê o coração quebrar-se num tremor,
Em mim, por timidez, fica omitido
O rito mais solene da paixão;
E o meu amor eu vejo enfraquecido,
Vergado pela própria dimensão.
Seja meu livro então minha eloquência,
Arauto mudo do que diz meu peito,
Que implora amor e busca recompensa
Mais que a língua que mais o tenha feito.
Saiba ler o que escreve o amor calado:
Ouvir com os olhos é do amor o fado.

– Shakespeare, em “Poemas de amor de William Shakespeare”. [tradução Barbara Heliodora]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Sonnet 27 Weary with toil, I haste me to my bed, The dear repose for limbs with travel tired, But then begins a journey in my head To work my mind, when body's work's expired. For then my thoughts (from far where I abide) Intend a zealous pilgrimage to thee, And keep my drooping eyelids open wide, Looking on darkness which the blind do see. Save that my soul's imaginary sight Presents thy shadow to my sightless view, Which like a jewel (hung in ghastly night) Makes black night beauteous, and her old face new. Lo thus by day my limbs, by night my mind, For thee, and for my self, no quiet find.	Soneto 27 Exausto com o trabalho corro ao leito, Repouso de meus membros tão cansados; Mas corre a mente agora o curso feito, Estando o labor do corpo terminado. Lá de onde eu moro, agora, o pensamento Parte qual peregrino a ti buscando E mantém meu olhar alerta e atento Pra escuridão que o cego vê, olhando; Em fantasia minha alma cegada À vista sem visão teu vulto traz, Que, gema em noite terrível mostrada, Faz linda a noite e seu rosto refaz. E assim, ao dia o corpo, à noite a mente Por ti e por mim mesmo paz não sente. – Shakespeare, em “Poemas de amor de William Shakespeare”. [tradução Barbara Heliodora]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
--	--

Sonnet 28 How can I then return in happy plight That am debarred the benefit of rest? When day's oppression is not eased by night, But day by night and night by day oppressed. And each (though enemies to either's reign) Do in consent shake hands to torture me, The one by toil, the other to complain How far I toil, still farther off from thee. I tell the day to please him thou art bright, And dost him grace when clouds do blot the heaven: So flatter I the swart-complexioned night, When sparkling stars twine not thou gild'st the even. But day doth daily draw my sorrows longer, And night doth nightly make grief's length seem stronger	Soneto 28 Posso voltar à leda condição sem ter descanso ao menos que me anime? O dia oprime e vir a noite é vão, a noite ao dia, o dia à noite oprime, reinos adversos que em consentimento se dão as mãos a torturar-me-me e basta, um por fadiga, o outro por lamento de mais penar que mais de ti me afasta. Que és claro digo ao dia a ver se agrado, que lhe das graça indo as nuvens altas, e à noite lisonjeio o turvo estado, que a não haver estrelas tu a esmaltas. Longas penas diárias traz-me o dia, maior pena noturna a noite cria. – Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilingue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.
---	--

Sonnet 29 When in disgrace with Fortune and men's eyes, I all alone beweep my outcast state, And trouble deaf heaven with my bootless cries, And look upon my self and curse my fate, Wishing me like to one more rich in hope, Featured like him, like him with friends possessed, Desiring this man's art, and that man's scope, With what I most enjoy contented least, Yet in these thoughts my self almost despising, Haply I think on thee, and then my state, (Like to the lark at break of day arising From sullen earth) sings hymns at heaven's gate, For thy sweet love remembered such wealth brings, That then I scorn to change my state with kings.	Soneto 29 De mal com os humanos e a Fortuna, choro sozinho o meu banido estado. Meu vão clamor o céu surdo importuna e olhando para mim maldigo o fado. A querer ser mais rico em esperança, como outros ter amigos e talento, invejando arte de um, doutro a pujança, do que mais gosto menos me contento. Se assim medito e quase me abomino, penso feliz em ti e meus pesares (qual cotovia em vôo matutino deixando a terra) então cantam nos ares. Tão rico me é teu doce amor lembrado, que nem com reis trocava meu estado. – Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilíngue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.
---	--

Sonnet 56 Sweet love renew thy force, be it not said Thy edge should blunter be than appetite, Which but to-day by feeding is allayed, To-morrow sharpened in his former might. So love be thou, although to-day thou fill Thy hungry eyes, even till they wink with fulness, To-morrow see again, and do not kill The spirit of love, with a perpetual dulness: Let this sad interim like the ocean be Which parts the shore, where two contracted new, Come daily to the banks, that when they see: Return of love, more blest may be the view. Or call it winter, which being full of care, Makes summer's welcome, thrice more wished, more rare.	Soneto 56 Renova a força, amor, e não se diga que tens mais rombo fio que apetite que a fome por um dia só mitiga e seu gume amanhã de novo excite. Se assim, amor, embora hoje alimentos o olhar faminto até que pisca cheio, volta a ver amanhã e não violentes o espírito de amor com longo enleio. Seja esta triste pausa qual oceano a terra dividindo e onde um par vem cada dia à praia e vendo ufano que volta amor, bendiz o que avistar. Ou chama a isso inverno que ansioso torna o verão três vezes mais precioso. – Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilingue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.
--	--

Sonnet 57

Being your slave what should I do but tend,
Upon the hours, and times of your desire?
I have no precious time at all to spend;
Nor services to do till you require.
Nor dare I chide the world-without-end hour,
Whilst I (my sovereign) watch the clock for you,
Nor think the bitterness of absence sour,
When you have bid your servant once adieu.
Nor dare I question with my jealous thought,
Where you may be, or your affairs suppose,
But like a sad slave stay and think of nought
Save where you are, how happy you make those.
So true a fool is love, that in your will,
(Though you do any thing) he thinks no ill.

Soneto 57

Sendo-te escravo, que farei senão
cuidar-te a tempo e horas do desejo?
Não tenho ao tempo cara ocupação,
Nem, sem que o peças, de servir ensejo.
E não censuro a hora sem ter fim
Em que as horas por ti, senhor, vigio,
Nem penso a atroz ausência, amargo-a sim,
Porque a teu servo deste um adeus frio.
Nem ousa questionar em meu ciúme
Onde possas estar e o que é que fazes:
Um triste escravo nada mais presume
Salvo onde estás, que a sorte a outrem trazes.
Tão louco é amor que quer no teu Will
(haja o que houver) nada pensar de vil.

– Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilingue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.

Sonnet 65

Since brass, nor stone, nor earth, nor boundless
[sea,
But sad mortality o'ersways their power,
How with this rage shall beauty hold a plea,
Whose action is no stronger than a flower?
O! how shall summer's honey breath hold out
Against the wrackful siege of battering days,
When rocks impregnable are not so stout,
Nor gates of steel so strong, but Time decays?
O fearful meditation! where, alack,
Shall Time's best jewel from Time's chest lie hid?
Or what strong hand can hold his swift foot
[back?
Or who his spoil of beauty can forbid?
O! none, unless this miracle have might,
That in black ink my love may still shine bright.

Soneto 65

Se ao bronze, à pedra, ao solo, ao mar ingente,
Lhes vem a Morte o seu poder impor,
Como a beleza lhe faria frente
Se não possui mais forças que uma flor?
Com um hálito de mel pode o verão
Vencer o assédio pertinaz dos dias,
Quando infensas ao Tempo nem serão
As portas de aço e as ínvias penedias?
Atroz meditação! como esconder
Da arca do Tempo a jóia preferida?
Que mão lhe pode os ágeis pés deter?
Quem não lhe sofre o espólio nesta vida?
Nada! a não ser que a graça se consinta
De que viva este amor na negra tinta.

– William Shakespeare: 42 Sonetos. [tradução e apresentação de Ivo Barroso]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Sonnet 71

No longer mourn for me when I am dead,
Than you shall hear the surly sullen bell
Give warning to the world that I am fled
From this vile world with vilest worms to dwell:
Nay if you read this line, remember not,
The hand that writ it, for I love you so,
That I in your sweet thoughts would be forgot,
If thinking on me then should make you woe.
O if (I say) you look upon this verse,
When I (perhaps) compounded am with clay,
Do not so much as my poor name rehearse;
But let your love even with my life decay.
Lest the wise world should look into your moan,
And mock you with me after I am gone.

Soneto 71

Não chores mais por mim quando eu morrer
do que ouças sino lúgubre que diz
aviso ao mundo de que eu fui viver,
ido do mundo vil, com vermes vis.
Nem o ler deste verso te recorde
a mão que o escreveu, pois te amo tanto,
que em teu doce pensar eu não acorde
se o pensar em mim te causar pranto.
Ou se (digo eu) olhares esta linha,
quando eu já for (talvez) lama abatida,
não repitas o nome que eu já tinha
e caia o teu amor com a minha vida.
Se não o mundo ao ver-te em luto pôr
há-de trocar de ti quando eu me for.

– Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilingue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.

Sonnet 76 Why is my verse so barren of new pride, So far from variation or quick change? Why with the time do I not glance aside To new-found methods, and to compounds strange? Why write I still all one, ever the same, And keep invention in a noted weed, That every word doth almost tell my name, Showing their birth, and where they did proceed? O know sweet love I always write of you, And you and love are still my argument; So all my best is dressing old words new, Spending again what is already spent: For as the sun is daily new and old, So is my love still telling what is told.	Soneto 76 Por que meu verso é sempre tão carente De mutações e variação de temas? Por que não olho as coisas do presente Atrás de outras receitas e sistemas? Por que só escrevo essa monotonia Tão incapaz de produzir inventos Que cada verso quase denuncia Meu nome e seu lugar de nascimento? Pois saiba, amor, só escrevo a seu respeito E sobre o amor, são meus únicos temas. E assim vou refazendo o que foi feito, Reinventando as palavras do poema. Como o sol, novo e velho a cada dia, O meu amor rediz o que dizia. – William Shakespeare, em “O discurso do amor rasgado. Poemas, cenas e fragmentos de William Shakespeare”. [tradução e organização Geraldo Carneiro]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
--	---

Sonnet 91

Some glory in their birth, some in their skill,
Some in their wealth, some in their body's force,
Some in their garments though new-fangled ill;
Some in their hawks and hounds, some in their
[horse;
And every humour hath his adjunct pleasure,
Wherein it finds a joy above the rest:
But these particulars are not my measure,
All these I better in one general best.
Thy love is better than high birth to me,
Richer than wealth, prouder than garments' cost,
Of more delight than hawks and horses be;
And having thee, of all men's pride I boast:
Wretched in this alone, that thou mayst take
All this away, and me most wretched make.

Soneto 91

Uns se orgulham do berço, ou do talento;
Outros da força física, ou dos bens;
Alguns da feia moda do momento;
Outros dos cães de caça, ou palafréns.
Cada gosto um prazer traz na acolhida,
Uma alegria de virtudes plenas;
Tais minúcias não são minha medida.
Supero a todos com uma só apenas.
Mais do que o berço o teu amor me é caro,
Mais rico que a fortuna, e a moda em uso,
Mais me apraz que os corcéis, ou cães de faro,
E tendo-te, do orgulho humano abuso.
O infortúnio seria apenas este:
Tirar de mim o bem que tu me deste.

– William Shakespeare: 42 Sonetos. [tradução e apresentação de Ivo Barroso]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Sonnet 129 The expense of spirit in a waste of shame Is lust in action; and till action, lust Is perjured, murderous, bloody, full of blame, Savage, extreme, rude, cruel, not to trust; Enjoyed no sooner but despised straight, Past reason hunted, and no sooner had Past reason hated, as a swallowed bait On purpose laid to make the taker mad, Mad in pursuit and in possession so, Had, having, and in quest to have, extreme; A bliss in proof, and proved, a very woe, Before, a joy proposed, behind, a dream. All this the world well knows, yet none knows well To shun the heaven that leads men to this hell.	Soneto 129 Gasto do espírito, em perda e vergonha, A lascívia em ação; e até à ação Ela é falsa, é culpada e a medonha Selvagem assassina é traição; Lenta em fruir-se, mas logo esquecida, É caça além do siso, relutante, Mas cansa além do siso, isca engolida Que ao que físgou enlouquecera antes. Tanto no perseguir e em ter pegado, Coisa tida e havida irrefreável. Prazer provado e logo reprovado, Promessa anterior – já sonho instável. O mundo o sabe – e não foge ao eterno Céu que os homens dirige a este inferno. – William Shakespeare. Sonetos. [tradução de Jorge Wanderley]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
---	---

Sonnet 138

When my love swears that she is made of truth,
I do believe her though I know she lies,
That she might think me some untutor'd youth,
Unlearned in the world's false subtleties.
Thus vainly thinking that she thinks me young,
Although she knows my days are past the best,
Simply I credit her false-speaking tongue:
On both sides thus is simple truth suppress:
But wherefore says she not she is unjust?
And wherefore say not I that I am old?
O! love's best habit is in seeming trust,
And age in love, loves not to have years told:
Therefore I lie with her, and she with me,
And in our faults by lies we flatter'd be.

Soneto 138

Quando jura ser feita de verdades,
Em minha amada creio, e sei que mente,
E passo assim por moço inexperiente,
Não versado em mundanas falsidades.
Mas crendo em vão que ela me crê mais jovem
Pois sabe bem que o tempo meu já minguia,
Simplesmente acredito em falsa língua:
E a patente verdade os dois removem.
Por que razão infiel não se diz ela?
Por que razão também escondo a idade?
Oh, lei do amor fingir sinceridade
E amante idoso os anos não revela.
Por isso eu minto, e ela em falso jura,
E sentimos lisonja na impostura.

– William Shakespeare: 42 Sonetos. [tradução e apresentação de Ivo Barroso]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Sonnet 150 O from what power hast thou this powerful might, With insufficiency my heart to sway, To make me give the lie to my true sight, And swear that brightness doth not grace the day? Whence hast thou this becoming of things ill, That in the very refuse of thy deeds, There is such strength and warrantise of skill, That in my mind thy worst all best exceeds? Who taught thee how to make me love thee more, The more I hear and see just cause of hate? O though I love what others do abhor, With others thou shouldst not abhor my state. If thy unworthiness raised love in me, More worthy I to be beloved of thee.	Soneto 150 De que poder tens força tão temível, que o coração em falha me desvia, que me faz dar mentira no visível, jurar que a luz não favorece o dia? De onde tens tal fazer, de mal, agrado, que até o refugo dos teus actos vem em força e garantia tão dotado que o teu pior, em mim, é sumo bem? Quem te ensinou a pôr-me a amar-te mais, se causa de ódio mais escuto e vejo? Se eu amo o que detestam outros tais, não deves detestar-me em tal cotejo. Se na baixeza meu amor levantas, mais valho de que tu me ames às tantas. – Shakespeare, em “Os sonetos completos de William Shakespeare”. [tradução e notas Vasco Graça Moura]. Edição bilingue. 1ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2005.
---	---